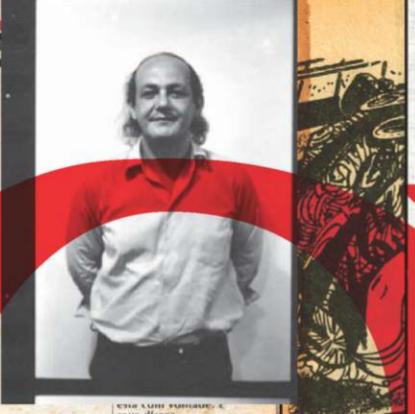


Pelé
Dá Lá,
Toma Cá!
E Você,
Resistiria? *
PÁGINA 21



ESTE É O PORTUQUEZ E SEUS DISCOS continuam vendendo.

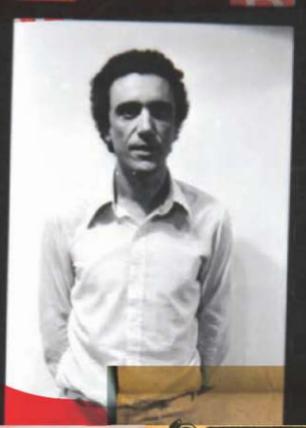


APRESENTAMOS O ADEUS DE ROBERT CRUMB

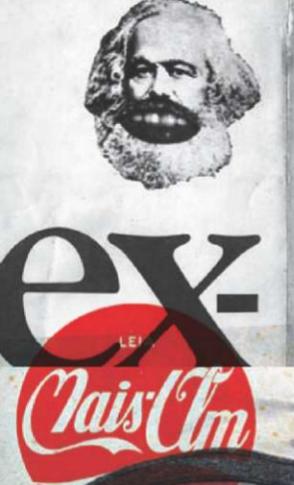
A MORTE DO JORNALISTA VLADIMIR HERZOG



página 33



O CONTEUDO DA REVISTA ATENTADORIO A MORAL E AOS BONS COSTUMES.



UM REPORTER BRASILEIRO EM CUBA! PÁGINA 34



Herzog... gam ima wato
Coragem! Entre na água!
Ortodoxa! Mulher medrosa
Unhas dipant! - Vamos mergulhar!
Fidalar genan - As quatro rainhas

O renascimento

Fazer parte da reedição do jornal *ex-* é motivo de orgulho para o Instituto Vladimir Herzog. Não apenas pelo jornalismo de vanguarda, de qualidade e com aquele viés satírico que o fez ser uma referência nacional, mas principalmente pela coragem de seus colaboradores. No auge da ditadura militar quando todos os outros se sentiram obrigados a ficar em silêncio, a edição *ex-* 16 estampou na capa a manchete liberdade abre as asas sobre nós – a morte do jornalista Vladimir Herzog.

Infelizmente a morte de Vlado também custou a vida do *ex-*. Naquele momento o jornalismo brasileiro também viu morrer aos poucos o seu lado jocoso e picante. Salvo um ou outro colunista, hoje nosso jornalismo é sempre muito sério. Não que isso seja errado ou um problema. Obviamente não é. Mas será que combina com o jeito expansivo e piadista do brasileiro?

Por isso, a reedição do *ex-*, e por que não dizer o renascimento do *ex-*, oferece aos leitores uma viagem na máquina do tempo. Os que viveram aqueles anos terríveis poderão lembrar suas capas memoráveis e seus textos transbordando inteligência. Os mais jovens poderão imaginar um pouco o que era ser jornalista sendo constantemente perseguido. A ditadura não poupava sequer os patrocinadores da chamada mídia alternativa ameaçando com represálias ou mesmo com corte de verbas governamentais, se esse fosse o caso.

O Instituto Vladimir Herzog não poderia estar fora deste empreendimento. Criado oficialmente em 25 de junho de 2009, o Instituto tem o objetivo de não apenas preservar a memória da vida e do trabalho de Vlado, mas também manter atenção sobre os graves problemas sociais, políticos e econômicos que ainda hoje afetam o Brasil.

O terceiro ponto fundamental de sucesso deste projeto é o apoio da Imprensa Oficial. Esta obra é resultado do trabalho impecável de recuperação de todos os exemplares do *ex-* feita por seus profissionais, sendo que desde o primeiro momento tivemos total suporte por parte de seu presidente, professor Hubert Alquéres, parceiro do Instituto Vladimir Herzog neste e – esperamos –, em futuros projetos.

Nossa missão é contribuir para a reflexão e produção de informações voltadas ao direito à vida e à justiça.



O legado de Vladimir Herzog será levado adiante pelo Instituto que tem como uma de suas metas a busca incansável pelo jornalismo de qualidade. E o *ex-* é um exemplo único disso.

Mataram o Vlado, mataram o *ex-*, e não é que os dois estão vivinhos da silva?

Dácio Nitrini

Fui rever a coleção para ativar a memória. Descobri ser o único daqueles moicanos que está em todos os expedientes de todas as fases da publicação. Coisa rara. É que em tempos de ditadura e sobrevivência difícil, parte da equipe ia e vinha. Principalmente quem tinha família para sustentar. Viver só de imprensa alternativa não pagava contas e expunha a maior risco de prisão. Sérgio de Souza e Narciso Kalili, depois de presos no DOPS da Federal por causa de uma capa gozando Nixon pelo Watergate, caso que conto mais adiante, aceitaram propostas de trabalho fora de São Paulo.

Sérgio e eu, um aprendiz admirador de feiticeiros, havíamos emprestado nossos nomes para abrir a *ex-editora*, numa casinha térrea com portão de ferro, corredor lateral, sala, quarto, cozinha e garagem, na rua Santo Antonio, coração do Bexiga. Afinal, sem pessoa jurídica seria impossível imprimir o jornal, alugar sede, etc.

Mas quem “administrava” a papelada era o Armindo Machado, que havia trabalhado com um irmão do Narciso. Era um quarentão loiro, olhos azuis, turfista que encantou a cantora-atriz de *O Cangaceiro*, Vanja Orico, que passou a frequentar a redação falando sobre seu filme de estréia, *Mulheres e Luzes*, dirigido por Fellini. Sérgio e eu, dois anos depois, passaríamos a “propriedade” para o nome do Paulo Patarra, recém-saído da Editora Abril, que se integrava a equipe trazendo algum dinheiro e o sonho de fazer o projeto crescer.

O *ex-* é como se fosse neto da revista *O Bondinho* e filho do gibi underground *Grilo*. Sendo assim, é bisneto da mitológica *Realidade*, origem de um grupo formado por jornalistas brilhantes que provocaram saltos de qualidade editorial em vários veículos, inclusive rádio e tevê. Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Hamilton Almeida Filho, Mylton Severiano da Silva, Amâncio Chiodi, Paulo Patarra entre outros.

Mas quando o *ex-* nasceu, estávamos em 1973, ditadura militar dura. Época de prisões, tempos de exílio, guerrilhas. No quarto andar do velho prédio da Rua Major Quedinho, 346, esquina com Santo Antônio, sede da Editora Espaço&Tempo, entrei pela primeira vez acompanhado de Serginho Fujiwara, meu amigo desde o primeiro ano no Grupo Escolar Prudente de Moraes, no Jardim da Luz. Eu trabalhava no setor de propaganda e o Serginho na gráfica do Equipe Vestibulares, cursinho que

centralizou a vida cultural de esquerda em São Paulo. O irmão dele, Delfim, era editor da revista de quadrinhos *Grilo*. Nos criamos no mesmo bairro, região do Mercado da Cantareira.

Eram quatro saletas apertadas num conjunto do terceiro andar. Numa estavam Sérgio de Souza e Narciso Kalili, frente a frente, perto da janela. Noutra, Ari Normanha encurvado sobre a prancheta, desenhando a capa do gibi. Do lado oposto, Amancio Chiodi no laboratório de fotografia.

Do andar de cima, vinha o som do maestro Rogério Duarte, um clássico do Tropicalismo, gênio, sobrevivendo de jingles. E na portaria o zelador ranzinza, sempre de boina, veterano da FEB. Nesse espaço, ao mesmo tempo, era editado o *JORNALIVRO* que, como está óbvio no nome, era a publicação de clássicos em um livro produzido como jornal, fórmula que barateava o custo e se autoexplicava no slogan *O Povo Lendo*. Cada exemplar custava apenas 2 cruzeiros, a metade do preço de capa do *Grilo*.



O *Grilo* fazia sucesso ao trazer ao Brasil quadrinhos dos desenhistas consagrados no underground americano e europeu. Robert Crumb e seu Fritz, The Cat, Guido Crepax com sua Valentina e a dupla Wolinski&Pichard com Paulette puxavam o trem. Rebeldes, contestadoras, sensualíssimas, as historinhas nada inocentes logo atraíram repressão.

O *Grilo* foi cercado e espremido pelas autoridades de plantão. Estava mortalmente baleado na edição número 48, que trazia na capa uma foto do cartunista já famoso Henfil sorrindo, atrás das grades, chamando a atenção dos leitores para sua última entrevista, em tom desacomodado, antes de ir embora do país...

No rodapé das páginas 4 a 14, um texto alertava aos leitores: Stop-press: a censura negou o registro do *Grilo*, por considerar o conteúdo da revista atentatório à moral e aos bons costumes. O *Grilo* então recorreu à própria censura, retirando desta edição as histórias que o censor julgou inapropriadas para nossos leitores. Caso a resposta seja negativa, o *Grilo* passará a ser impresso em formato tablóide, ou seja, deixará de ser revista para ser jornal (os jornais estão dispensados de registro da censura) e já a partir do próximo número – o 49 – circulará com o novo nome: “*ex-*”. Não deu outra. O *ex-* estava parido.

Novembro de 73, Médici no poder. O *ex-* é lançado com uma capa metafórica para “enganar” a repressão: Hitler, nu, tomando sol em uma praia tropical. Foram impressos 10 mil exemplares, que mal e mal chegavam às bancas. No expediente, aviso de que a distribuição era própria, com a expressão “garantida” entre parêntesis. E o aviso “Nenhum Direito Reservado”. Boa parte era mesmo vendida de mão em mão pela própria equipe



Bar Pássaro Preto. Pausa para fumar o recém-lançado More, o cigarro do Kojak. Da esq. p/ dir.: Nelson Blecher, Narciso Kalili, Suzana Regazzini, Sérgio Fujiwara, Hamilton Almeida Filho, Dácio Nitrini, Ivo Patarra e João Otávio Malheiros.

e por estudantes amigos meus, do Equipe, como Luiz Carlos Guerrero Ruivo, Carlos Alberto Caetano, Cláudio Faviere, Suzana Regazzini, Lucia Reggiani e Luiz Fernando Câmara Vitral. Eu, além de vendedor de espaço para publicidade, produtor gráfico e repórter, saía com Narciso Kalili, numa velha perua Caravan, colocando jornais para vender nas bancas da cidade.

A segunda edição seguiu a mesma linha do Hitler. Dessa vez era Henry Kissinger pelado, semi-deitado em um divã. Até ali tudo bem. Mas a terceira capa, que ainda nada tinha a ver diretamente com a ditadura militar, trouxe a polícia. Era janeiro de 1974, o caso Watergate estava quentíssimo. Sergio e Narciso decidiram fazer uma fotocharge mostrando Nixon em pose presidencial, olhando para o horizonte como se fosse estadista, mas vestindo uniforme de presidiário.

A montagem artesanal, feita pelo artista gráfico Hamilton de Souza, irmão do Sérgio, ficou perfeita e o *ex-* foi para as bancas em plena transição de ditadores. Já era começo de 74 e Geisel, ungido pela cúpula militar, tomava posse em grande estilo, com a presença em Brasília de vários chefes-de-estado. Nixon não podia comparecer mas enviou sua mulher, Patty.

Uma equipe de batedores foi designada para a detectar possíveis reações à chegada da comitiva americana. Viram o *ex-* e acionaram o DOPS da Polícia Federal que saiu em busca dos responsáveis. Formalmente, os “proprietários” da *ex-editora* eram Sergio de Souza e eu. Apenas porque nossos nomes estavam limpos na praça. Tudo funcionava de forma coletiva e o pouco dinheiro que entrava mal dava para pagar as contas e fazer uma nova edição. Acabei levado para o prédio da PF que funcionava na rua Xavier de Toledo. Lá já estavam Sergio e Narciso. Cheguei tenso, sem saber o motivo. Narciso e Sergio já estavam dentro da sala do delegado explicando que eu não era o responsável por nada, um jovem iniciante que tinha emprestado o nome, etc. E que eles sim é que tinham tomado as decisões editoriais. Narciso e Sérgio ficaram presos. Incurso na famigerada Lei de Segurança Nacional, autuados “por atentar contra chefe

de estado de país amigo por palavras, atos ou atitudes...” Passaram dias na carceragem da rua Piauí.

E eu me dividia entre agradecer aos dois pela minha liberdade e ficar indignado por dizerem que eu não tive responsabilidade pela confecção da charge. Afinal, era um coletivo!

Mas O *ex-* tinha lastro para seguir adiante e apoio em todos os setores anti-ditadura. Havia uma equipe de editores-colaboradores de reconhecido talento e criatividade, entre eles Fernando Moraes, Marcos Faerman, José Hamilton Ribeiro, Palmério Dória e o jornalista-escritor-psicanalista Roberto Freire. Todos devidamente creditados no expediente publicado no *ex-* 3, o da capa com o Nixon. E foi em frente. Com a saída do Sergio para Ribeirão Preto, ao lado do José Hamilton Ribeiro para fazer um jornal diário e a transferência temporária de Narciso, Hamilton Almeida, Mylton Severiano para Londrina (PR), o *ex-* seguiu sob forte influência de Marcos Faerman, talentoso repórter-especial do Jornal da Tarde em SP, gaúcho apaixonado pela cultura latino-americana. O jornal mudou a linha editorial, que ficou mais literária, psicanalítica, revelando ao país a antipsiquiatria e escritores dos países vizinhos que também estavam sob botas e tacões.

Quase um ano depois, Narciso, Hamilton e Mylton que não haviam se desligado totalmente do *ex-*, retornam à SP. Marcos Faerman diverge do caminho que os ex-fundadores apontavam e se desliga do grupo. Intelectual persistente, lança o seu *Versus*, outra publicação alternativa que deixa marca na história do país. O *ex-*, portanto, frutificava.

Nesse mesmo período, Raimundo Pereira, que havia passado pela Realidade, sai do jornal *Opinião*, propriedade do empresário nacionalista Fernando Gasparian, para fazer o Movimento. E dá uma longa entrevista para lançar seu jornal exatamente para o *ex-* 12, cuja capa é outro marco: Pelé pelado, fotografado no vestiário da Vila Belmiro por Amancio Chiodi – há

outras fotos nas páginas internas. Nessa edição, a contracapa traz a imagem de Raimundo Pereira em bico-de-pena de Elifás Andreato.

Outro desenho memorável é de Jaime Leão na capa do *ex-* 13. Fidel Castro fazendo a barba, já com meio rosto sem pelos, idéia do Mylton. Era a chamada para uma reportagem inacreditável. Fernando Moraes revelava nada mais nada menos o cotidiano em Cuba, proibida para a imprensa brasileira, origem de seu famoso livro, best-seller até hoje, *A Ilha*.

Esses são apenas alguns tópicos de uma publicação alternativa, grandemente nanica, que tem em cada página um olhar que permanece brilhante, atento, contemporâneo.

Mataram o *ex-* porque não escondeu o assassinato do Vlado. E não é que ambos estão vivinhos da silva?

Como foi que o *ex-* virou *Mais um*

Mylton Severiano

Em meados de novembro de 1975, manhã ensolarada, começamos a fechar o *ex-* número 17, que jamais circularia. Contávamos, como prato forte, com a matéria sobre o Esquadrão da Morte carioca, a cargo de Octávio Ribeiro, o Pena Branca, que havia descoberto um local – espécie de charco, dizia ele – onde policiais afundavam carros com pessoas dentro, mortas ou possivelmente ainda vivas. E preparávamos um material sobre a repercussão do caso Vlado, com base em cartas que já chegavam às pincas – nosso jornal, mais ou menos mensal, tinha sido o único a publicar reportagem completa sobre o assassinato do colega Vladimir Herzog num aparelho de torturas do II Exército. Texto com uns 100 mil caracteres, mais de 70 laudas, o suficiente para compor um livro de 100 páginas.

O *ex-16* foi obra-prima de trabalho em equipe. Trinta anos mais tarde, em 2005, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo incluiria “A Morte de Vladimir Herzog” no livro *10 Reportagens que Abalaram a Ditadura*. Narciso Kalili foi o pauteiro e orientador; HAF, repórter e chefe de reportagem; eu, responsável pelo texto final – resultado do trabalho de todos do *ex-* e de colegas que, corajosamente, nos procuraram pondo-se à disposição.

Um episódio nos embatucou no dia do fechamento. Uma comissão de colegas chega pedindo para a gente não publicar nada. Alegavam que queriam inclusive nos proteger; que a reportagem ia provocar a “linha-dura”; que mais jornalistas seriam assassinados –

no enterro, fotografado jornalisticamente apenas pela Elvira Alegre, do *ex-*, um dos que estavam presos com Vlado e haviam sido liberados para assistir à cerimônia fúnebre me disse que se tratava da Operação Djakarta, menção ao morticínio de 500 mil esquerdistas na Indonésia, após um golpe militar como o nosso patrocinado pelos Estados Unidos. Ouvimos os colegas da comissão e Narciso falou em nome de todos do *ex-*: “Agradecemos pelo cuidado, mas vamos publicar.”



Mãe de Vlado, dona Zora, é amparada no sepultamento

Era mesmo preciso coragem naqueles dias. Publicada a reportagem, os raros anunciantes cancelaram anúncios, um deles alegou ameaças telefônicas; leitores cancelaram assinaturas; um pai de família enviou documento registrado em cartório anulando o pedido de assinatura feito pela filha estudante.

Contudo, esgotou-se a tiragem de 30 mil exemplares, e evaporaram os 20 mil de uma 2ª edição, números alentadores para o jornal que até ali tinha vendido no máximo 18 mil exemplares.

Não vieram nos matar fisicamente. Mas na semana seguinte, fechando o próximo número, não imaginávamos o que “eles” arquitetavam.

Éramos poucos na redação àquela hora, não passava das nove e meia, me lembro do Palmério Dória ao lado, Hamilton Almeida Filho, o HAF, à minha direita; ficávamos na terceira das três salas da casa. Nem pressentimos os passos de dois mensageiros da morte do *ex-*.

“Polícia Federal”, anunciou o armário branco de cabelos loiros, mostrando a carteira funcional.

Atrás vinha um armário negro, de mãos enormes. Seus dedos pareciam cassetetes, e imaginei que ele, caso incitado, poderia destruir a redação a patadas e nos destroncar um por um. Nem precisaria sacar a pistola que fazia questão de exhibir no insistente gesto de apontar fotos, gravuras e recortes pregados nas paredes – seu paletó levantava e a gente via a reluzente arma enfiada na cintura.

Típico: um bonzinho, o outro mauzinho. O loiro, cuja arma na cintura divisei apenas uma vez, perguntou quem era o responsável. HAF e eu nos apresentamos. Era tácito que nós dois e Narciso Kalili, os três primeiros nomes no expediente, respondíamos pelos pepinos, mas Narciso tinha viajado para Londrina.

O armário branco declarou que: o número especial *Extra – O melhor do ex-*, anunciado no número 16, estava apreendido; o *ex-* passava a sofrer censura prévia; os responsáveis, HAF e eu,

receberíamos aviso para comparecer na Polícia Federal da Rua Xavier de Toledo, centro de São Paulo, a fim de prestar “esclarecimentos” a certo coronel Barreto.

O armário negro olhava as gravuras nas paredes e, de repente, vociferou: “Vocês não vão publicar isto, vão?!”

Apontava – e a arma saltou à vista – o recorte de um jornal de ativistas negros dos Estados Unidos, com reportagem sobre moda. O modelo era Eldridge Cleaver (1935-1998), um dos fundadores do grupo radical Panteras Negras. Cleaver posava com uma calça que tinha na frente um porta-sexo, e o dele era avantajado, enchia o *bimbolover* duns 20 centímetros de comprimento – e em repouso! Uma provocação contra brancos racistas, brincadeira que iríamos encaixar na Salada, seção de abertura do *ex-*. E o que responder ao truculento?

“Não, não vamos publicar, é só um enfeite”, disse candidamente um de nós, creio que o Palmério. A memória registra que ali vinha feriadão, devia ser dia 14, sexta-feira, véspera do 15 de novembro, Proclamação da República. O número extra, que dávamos como distribuído naquela semana, acabou apreendido ainda nos depósitos da Distribuidora Abril. Enorme prejuízo.

Nem era preciso deixar fluir a paranoia latente no ar para imaginar que havia um conluio entre forças contrárias a fim de asfixiar o *ex-*.

O *ex-* havia sido criado em 1973 por Sérgio de Souza, Narciso Kalili e Eduardo Barreto, mesmos fundadores da Arte & Comunicação, que lançou a revista “cult” *O Bondinho*. Com problemas de ordem financeira na praça depois que *O Bondinho* faliu, puseram a nova empresa, Espaço Tempo, no nome do fotógrafo Amancio Chiodi, que editava ali a revista *FotoChoque*. O grupo que tocava a nova publicação era *ex-Realidade*, *ex-Bondinho*, *ex-Revista de Fotografia...* – daí o nome criado pelo Serjão, *ex-*.

O número 1 foi às bancas levando na capa um Adolf Hitler nu, tomando sol numa praia tropical, completamente à vontade. A maneira sutil e bem humorada de dizer tudo sem dizer nada a gente desenvolveria também nos textos, que falavam mais nas entrelinhas que nas linhas.

HAF e eu estávamos fora de São Paulo. De volta, fui trabalhar na TV Cultura, onde conheci o Vlado (não houve tempo de ficarmos amigos, mas havia empatia e simpatia mútuas). Assim, só soube depois: a capa seguinte que trazia o presidente americano Richard Nixon com roupa de presidiário havia levado Sérgio e Narciso a uma detenção na Polícia Federal. A montagem aludia ao caso Watergate, espionagem de adversários patrocinada por Nixon, que acabaria renunciando.

Narciso e Serjão foram presos por “ofensa a presidente de país amigo”. Jamais comentaram detalhes. Talvez tenha havido ameaça grave, como HAF e eu sofreríamos dois anos depois.

Serjão foi dar um tempo e trabalhar em Ribeirão Preto; Narciso, em Londrina, onde passaríamos brevíssima temporada, mas aí é outra história. E foi assim que os mais novos, HAF e eu, passamos a tocar o *ex-*, com a parceria de dois mais velhos: Narciso Kalili, que vinha de Londrina regularmente, e Paulo Patarra, criador da revista *Realidade*, recém-demitido da Abril, que generoso nos ajudou pagando a impressão dos dois últimos jornais que produzimos.

Vivíamos no limite das possibilidades financeiras. Muitas vezes no Pássaro Preto a gente almoçava sanduíche de mortadela “enriquecido” com fatias a de tomate.

O telefone da redação era o orelhão da esquina. Armindo Machado, nosso incrível administrador, um português muito safo, distribuía um punhado de fichas telefônicas para cada repórter – o Armindo que me surpreendeu certa manhã chegando bem acompanhado, com nada menos que Vanja Orico, estrela do filme *O Cangaceiro* que havia embebecido a adolescência da minha geração.

Era consenso entre nós jamais nos submeter à censura prévia. Preferíamos fechar as portas e começar de novo. Com o *ex-* sob censura, surgiu a ideia de lançar o *Mais*



ex-editores na redação do Bixiga. Primeira fila, esq. p/ dir.: José Trajano, Luiz Fernando Vitral e Palmério Doria; Segunda fila: Mylton Severiano e Hamilton Almeida Filho; Terceira fila: Cláudio Faviere, Armindo Machado, Hilton Libos, Alex Solnik, Márcia Guedes, Luiz Guerrero e Ivo Patarra

Um. Jayme Leão criou o logotipo, imitando a marca da Coca-Cola. Num canto da capa do primeiro número, pusemos um selinho, “Qualidade *ex-*”, na ilusão de enganar a polícia da ditadura e passar aos leitores o recado de que o *ex-* seguia vivo: aquele “era” o *ex-* 17.

Mal *Mais Um* vai às bancas, o tal coronel Barreto nos intima a comparecer na Xavier de Toledo às duas horas de uma tarde no início de 1976, tarde que se fez nublada e mormacenta. HAF tinha 30 anos, eu 35. Éramos, além



de baixinhos, franzinos. O coronel devia dar o dobro de nós, pensamos. Rachamos uma cerveja encorajadora no Bar Mutambo, na Major Quedinho, e subimos ao andar da Polícia Federal indicado na intimação.



ETHEL ALEGRE

Hamilton, Dácio e eu fizemos matéria com Pelé em Três Corações, usando o carro do Myltainho. Vimos, nós e a cidade inteira, um objeto não-identificado, bola de fogo que foi sumindo até desaparecer por completo. Em 25 de outubro de 1975, mataram Vladimir Herzog. Montamos um QG na casa do Paulo Patarra, nos arredores da Rua Cerro Corá. Fizemos vigília e fechamos o *ex-16*, o último número contra nossa vontade. A matéria da capa, claro, foi a morte de Vlado. E “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós” foi a manchete. Incrível, a ditadura nazista tinha vencido. Temporariamente.

Narciso preso Ele veio quieto, sem cordões nos sapatos, e nos abraçamos

Ethel Kosminsky

Estávamos em 1974. De manhã tocaram a campainha do apartamento, na Luis Coelho, travessa da Augusta. Narciso já desconfiava. Disse-me que telefonasse para o advogado Marco Tulio Bottino, amigo dele e do Sérgio. A empregada havia aberto a porta para dois homens. Eram da Oban – Operação Bandeirantes. Da varanda vi os três entrar num carro comum.

Não havia processo nem direitos civis. Liguei para professores de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, curso que eu tinha concluído. Alguns ficaram com medo, as conversas poderiam estar sendo escutadas. Maria Isaura Pereira de Queiroz disse:

“O que posso fazer?”

Minha idéia era que, se sáísse no jornal, nada aconteceria a Narciso. Essas notícias não eram publicadas. O *Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde* substituíam matérias censuradas por versos de Camões e receitas culinárias.

Maria Isaura me apresentou a um Mesquita, Júlio ou Ruy, donos daqueles jornais. O Mesquita perguntou se Narciso estava metido em grupo político.

“Não”, respondi, e contei o que tinha ouvido dele, naquela época trabalhando na tv Cultura: um jornalista chamado Claudio Marques denunciava todo colega que parecesse “suspeito”.

Pedi que publicasse a prisão do Narciso. E assim foi feito, no *Jornal da Tarde*. Fui à porta do quartel onde funcionava a Oban, com a mãe de Narciso, pedir para vê-lo, levar comida e cigarros. Não permitiram. Com uma semana, foi transferido para o DOPS, e poderia receber visita. Comprei um livro de Hemingway, que Narciso admirava, escrevi: Para Narciso com amor, Ethel e filhos.

Numa sala do DOPS, ele veio quieto, sem cordões nos sapatos. Nos abraçamos. Dias depois Marco Tulio telefonou, “vão soltá-lo”. Chegou quieto e nunca quis falar do que viu e ouviu na Oban e no DOPS, muito menos se foi torturado.

Perdeu o emprego na Cultura. Seus pais ajudaram com

Definição da capa da edição extra com entrevista de D. Paulo. Esq p/ dir: Dácio Nitri (meio corpo) Amancio Chiodi, José Trajano, Vanira Codato, Paulo Patarra (semi-sentado), Paulo “Polé” Orlando Lafer e Hamilton Almeida Filho, sentado, ao centro

O roliço coronel nos aponta o sofá, a uns quatro metros dele. Apanhando o *Mais Um* que tem sobre a mesa, ele o agita em nossa direção com tamanha força, que parece querer esfregar nosso jornal.

“Do que se trata isto?”, pergunta apontando a primeira página, com voz raivosa mas por enquanto contida.

“É nosso novo jornal”, respondemos.

Só é possível rir hoje, passados tantos anos. O coronel arfou e disparou:

“É o mesmo jornal! O tal de ex!”

Estava claro, e comentaríamos depois, não nos mataram por causa da reportagem sobre o Caso Vlado, mas queriam matar o ex-. HAF e eu, nos revezando e tirando calma sei lá de onde, tentamos argumentar com frases que o coronel ia cortando rente, rosnando ou negando com gestos da cabeça.

“Mas, coronel, é outro logotipo...”

“... o senhor veja, a diagramação é diferente...”

“... outro estilo...”

Ele por um instante titubeou, olhou a capa, aí teve um chique ao dar com o titulozinho *Comicus*.

“Comi-cus? Vocês não têm compostura!”, bradou, já perdendo as estribeiras.

E nós, em jogral, tentando contestar:

“Não, coronel...”

“... é cômico...”

“... é uma seção...”

“... de quadrinhos.”

Aquele teatro do absurdo não durou mais que dez minutos. Ele encerrou a cena brandindo o *Mais Um* como se o quisesse rasgar a dentadas, ameaçador:

“Olhem: ou vocês param com isso, ou eu não respondo mais pela integridade física de vocês.”

No *script* que a gente esperava não constava ameaça de morte. Assentimos, levantamos, foi pano rápido, nos despedimos e caímos fora.

Passamos semanas deprimidos. Perdemos nosso jornal – pobre ganha-pão mas rica realização pessoal de cada um. Vieram outros trabalhos, fundamos novas publicações, que “eles” fecharam, e abríamos outras. Volta e meia a gente sonhava no fim da ditadura lançar um jornal chamado *ex-17*.

A ditadura ganhou uma

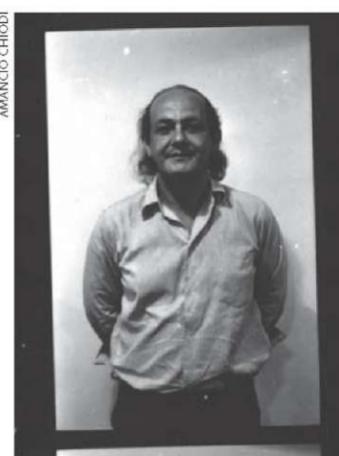
Amancio Chiodi

Lembro quando fizemos o número 1. Era como se vivêssemos num mundo diferente do restante, submetido à repressão. Tínhamos a informação e não nos reprimíamos, acreditávamos que podíamos e devíamos dizer tudo. A repressão era velada e forte: cada número que colocamos nas ruas exigiu um trabalho de Hércules. Não tínhamos dinheiro, cada vez íamos a uma gráfica diferente, a repressão nos calcanhares. Isso, na verdade, nos dava força.

O número um foi contra o nazismo, que tomava conta do planeta. A gente achou e publicou um conto de humor do Marx, *Escorpião Félix*, que ele escreveu aos 18 anos. Fiz uma fotomontagem do Karl Marx sorrindo. O fotógrafo Man Ray, cujo trabalho pesquisei, usava fotomontagem justamente contra o nazismo. Tempos imprevisíveis, conturbados. E o *ex-* provocava. Tínhamos de nos metamorfosear para conseguir nosso objetivo – a defesa da liberdade.

Do número 1 até o 16, o último, passamos dois anos intensos. Não parávamos um minuto. Foi como um resumo do que eu havia vivido até aquele momento. Falamos de Kissinger, Nixon, TFP. Lembramos a tragédia de Minamata, cidade japonesa cuja população sofreu barbaramente nos anos 1950, devido à contaminação de mercúrio.

AMANCIO CHIODI



Narciso Kalili

dinheiro e mantimentos. Várias pessoas estavam saindo do Brasil. Narciso não queria. Um amigo, Ruy Fernando Barboza, intermediou o contato com um político paranaense, Paulo Pimentel, para que Narciso fosse montar um jornal diário, o Panorama, em Londrina. O projeto gorou, Narciso então lançou com Ruy um jornalzinho de serviços, Viver Londrina. E preparava a volta a São Paulo, para retomar o ex-, que ele havia fundado com o Sérgio de Souza. Então chegou a notícia da morte do Vlado.

Perseguidos ferozmente pela direita, aceitos com restrições pela esquerda

Hilton Libos

No balcão do Pássaro Preto, em frente da ex-redação no velho Bixiga, não estou sozinho em meio às levas de nordestinos chegando e savindo dos ônibus paus-de-arara que agora fazem ponto no lugar. Era ali que se comia o arroz com feijão entre uma edição e outra, bebia-se o cafezinho bafejando cigarros sem filtro e cerveja, o pássaro de penas engorduradas domesticado pelo seu Vicente bicando porções de amendoim entre garrafas.

ELVIRA ALEGRE



D. Paulo sendo entrevistado na Cúria por Mylton Severiano, Narciso Kalili, Hamilton Almeida Filho e Jayme Leão, desenhando

Não estou só porque permaneceram porções vivas deixadas pela coragem editorial do Paulo Patarra, a pauta criativa do HAF, o estilo de manchetar do Narciso, a edição do Myltainho, a capacidade impressionista de João Antônio e Octávio Ribeiro.

As técnicas, artes e manhas do ofício generosamente trocadas com os veteranos eram importantes para garantir a eficiência e qualidade do trabalho que se tinha como determinação ética: a restauração dos diretos civis, liberdade e igualdade. Assim um grupo de infantes terríveis foi aprendendo a fiscalizar o poder com espírito crítico, buscando o cristal da verdade.

Em um quadro geral de intolerância ditada pela Lei de Segurança Nacional, intervenções violentas para o controle da informação, prisões e perseguições policiais, esse positivismo revolucionário franco-brasileiro, obviamente, era apenas uma ironia dirigida à caserna, porque se um rótulo poderia dar uma pálida idéia da ideologia daquela redação pode-se dizer que se tratava de um grupo de jornalistas hetero-anarco-comuno-sindicalistas, perseguidos ferozmente pela direita e aceitos com mil e uma restrições pela esquerda. Com a distensão lenta e gradual e a queda do regime militar, as relações entre os jornalistas desse capítulo interessante nos 202 anos de história do jornalismo brasileiro se atomizaram, como o princípio ético que os regia (“ética é respeito à verdade, o resto é interpretação”). Distantes não apenas na linha do tempo, mas também em relação à função social do jornalista contemporâneo que, em sua maioria, está apenas de olho no dinheiro que pode ganhar.

Sérgio preso O aterrorizante camburão parou na nossa porta

Lana Nowikow

Não lembro o mês, era 1974. Morávamos num sobrado na Vila Beatriz, zona oeste de São Paulo, vindos de uma experiência de vida comunitária que durou o tempo que duram as relações humanas quando maridos se apaixonam pelas mulheres dos amigos e vice-versa. Tínhamos seis filhos, vivíamos do salário do Sérgio como professor de jornalismo na Faculdade Objetivo e das traduções de fotonovelas que eu fazia para *Capricho*. O fracasso econômico do *Bondinho* estava fresco na memória, mas a vontade de desafiar a mediocridade imposta pela ditadura militar era mais forte. E nasceu o ex-. Sala, cozinha e garagem se transformaram em animada redação, e nossa casa em outra comunidade. Repressão forte, grana pouca, mas o ex- surpreendia pela ousadia e criatividade.

Um dia, depois de entregar as crianças que transportava da escola para casa (com as nossas, eram treze), vi a aterrorizante perua Chevrolet C-14 cinza na nossa porta. Sérgio saiu acompanhado por três homens.

“São da Polícia Federal, vou prestar esclarecimentos.”

Perguntei se podia ir junto – sim, podia segui-los no meu carro, também uma C-14 azul-cheguei, velhíssima, a peça que muda as marchas vivia travando. A certa altura da av. Doutor Arnaldo travou, mas me esperaram abrir o capô e destravar. Seguimos para a sede da Polícia Federal. Demorou até que chamassem o Sérgio. Depois foi minha vez. Fizeram perguntas de praxe e me mandaram pra casa, talvez meu marido demorasse. Foram dois dias angustiantes (quantos não voltavam depois dos tais esclarecimentos).

Voltou acusado de “ofender presidente de país amigo”. Richard Nixon. Por causa do escândalo Watergate, apareceu vestido de presidiário numa das capas mais inspiradas do ex-.

Melhor jornal da rua Santo Antônio, 1.043

Palmério Dória

No começo de novembro de 1975, pelas oito da noite, meia dúzia de jornalistas do primeiro time sobem os 16 degraus que levam à redação do ex-, num sobradinho do Bixiga. Não era segredo que os editores, em cima do lance, a sangue-quente, iam dedicar o número 16 ao assassinato do colega Vladimir Herzog no Doi-Codi do II Exército. Os colegas vêm aconselhar a gente a não fazer isso. preocupados com nossa segurança, achavam que íamos cutucar o demo com vara curta. “Eles estavam com mais medo que nós, só que nós estávamos com a macaca”, lembra Mylton Severiano, o Myltainho, um dos ex-editores, sublinhando que havia certo sofisma no ar: “Diziam que, se pediam que não publicássemos, era para nos proteger. Já nós achávamos que proteger seria publicar.”

O ex- 16 trouxe a reportagem que viria a ser classificada como uma das 10 que abalaram a ditadura, apanhada de calças curtas. Claro que, depois dessa, o ex- não passou do 16. Era o fim do melhor jornal da Rua Santo Antônio, 1.043.

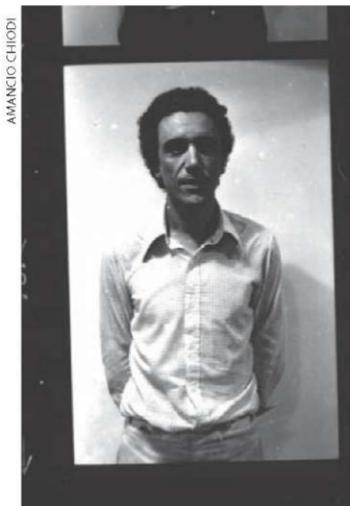
Naquele sobradinho, sublocado de um sargento aposentado da Aeronáutica que usava o porão para estofar móveis, o ex-, publicação sem patrono e sem patrão, viveu seu momento mais espetacular. Semanas depois, num encontro fortuito na rua Major Quedinho, o magnífico repórter Ricardo Kotscho, que estava no grupo de jornalistas que visitou o ex- naquela noite, me disse: “Vocês ampliaram os nossos limites.”

A reportagem de um nanico – termo cunhado pelo escritor João Antônio – viria a disputar o Prêmio Esso pau a pau com *O Estado de S. Paulo*. O Estadão venceu com *Assim Vivem os Nossos Superfuncionários*, sobre o *Escândalo das Mordomias*, coordenada pelo próprio Kotscho. Mas o ex- teve os votos de Cláudio Abramo e Carlos Castelo Branco. Se há placar moral – criação de Otelo, o Caçador, nas páginas de esporte de *O Globo* – o ex- foi o vencedor.

Cláudio e Castelinho entenderam: sem a reportagem do ex- não teria havido a reportagem do Estadão.

O sobradinho ainda existe em 2010. Passou por uma reforma que lhe roubou o borogodó, com uma brega fachada de tijolinhos. O portão que dá na escada está sempre fechado a cadeado. Um grupo de moças mora ali. O porão é alugado por José Tomás Filho, cearense de Mombaça, terra de Paes de Andrade – o deputado que virou presidente por três dias e nesse ínterim lotou o avião presidencial e levou uma comitiva para festejar lá. Tomás freta ônibus e caminhões que levam e trazem conterrâneos e suas mudanças. O Pássaro Preto em frente, que era extensão do ex-, tem novo dono, cearense

também, que, como Tomás, não faz a menor ideia de que ali houve um jornal. O pedaço é um consulado da



AMANCIO CHIOLDI

Sergio de Souza

República do Ceará. Sobrevive impávido, na esquina com a Luís Barreto, o orelhão em que apurávamos nossas matérias, o que nos obrigava a sempre ter fichas nos bolsos. Faço sinal para o táxi pensando: “E se tivéssemos entrado na trip de pavor dos colegas?” Dentro do táxi, com ar condicionado na esfuziante manhã de verão, o som do motorista Luis Carlos despeja uma seleção com o melhor dos anos 60 e 70 do século 20: Paul Anka, Mamas and Papas, Johnny Rivers, Santana. Como eram maravilhosos os anos 60! Como eram maravilhosos os anos 70! Good morning, sunshine!



do Alto da Lapa, onde a turma morava, regados a vinho Sangue de Boi, comendo omelete de salsa e queijo. E a salsa devia ser rasgada na mão, não podia picar na faca, ensinamento da mãe do Myltainho. Havia um piano que o Myltainho tocava. Recebíamos visitas ilustres. Apareceu o Paulo Caruso e os dois fizeram um dueto. Palmério de cantor. Inesquecível reunião no bar em frente, quando decidimos fazer o *Mais Um*. Jayme Leão saiu com o leiaute do logotipo pronto. Particpei da feitura do *Mais Um* com apreensão, mas com alegria.

Dácio Nitri, Sergio Fujiwara e Vanira Codato, na redação do ex-, em 1974

Lições para um aprendiz

Sérgio Fujiwara

Tirei a sorte grande ao participar do *ex-*, após passar pela arte da Espaço Tempo, que editava *Grilo*, semanal de HQ; *Jornalivro*, livro “a preço de banana” como disse o Serjão no editorial de lançamento; *Fotochoq*, de fotos chocantes, editado pelo Amancio Chiodi. Aprendi jornalismo, estética revolucionária e ética do ser independente.

No começo de 1973, Amancio e Suzana me falam que Serjão, Narciso e Eduardo Barreto vão lançar nova publicação. E me levam à casa do Sérgio. Fico sabendo que não têm como pagar, mas somos bem vindos e já tinha um monte de trabalho.

A redação funcionava na garagem. Serjão sereno, claro e atencioso. Fiquei alguns dias até fecharmos a primeira edição da publicação mais importante da imprensa alternativa. Não queria mais me separar daquelas pessoas, não havia dinheiro que pagasse o aprendizado. No número 3, vestimos Nixon de presiário. Produzimos um pôster com a imagem e vendíamos nas portas de cinema, bar, teatro. Alguém acabou detido por fazer “propaganda subversiva”.

Veio o episódio do cometa Kohoutek, a imprensa noticiava como grande espetáculo celeste por acontecer. Narciso, que a gente chamava de Turco, resolveu fazer o *Jornal do Cometa*, encartado no *ex-*. O Turco era fantástico:

“Ô, japones, você sabe diagramar?”

Sim, só que eu era assistente de arte, mas ele não se abalou:

“Sabe sim, e se não sabe vai aprender hoje!” Ele me deu tesoura, régua, estilete e bastões de cola, e corta aqui, cola ali, título com tal letra, põe a foto. Amanhecendo, tínhamos as quatro páginas prontas.

Foi minha primeira aula de diagramação. E que aula! Mais incrível foi o *ex-* sobre prostituição, o 5. Todo feito a mão. Não tínhamos grana alguma. Eu havia herdado uma IBM elétrica de um estúdio desmanchado. Era daquelas máquinas com esferas, podia trocar dois ou três tipos de letras diferentes, trocando as esferas. Myltainho digitou todas as matérias, as colunas certinhas, em papel couchê, para depois fotografar e montar as páginas. Ficamos trancados dias e noites na sala da casa

A gente se amava

Suzana Regazzini

Trabalhar no *ex-* foi uma grande escola. Trabalho e paixão era o que nos movia.

Nos últimos tempos uma presença constante era a do Geraldo Vandré, sentado na sala de entrada do sobradinho da Santo Antonio, 1.043. Vandré e o “quarto poder” tinham “ocupado” a redação. Muitas vezes chegava antes de todos nós na redação. Depois, ninguém ligava mais.

Outro fato memorável é da gente traçando rotas das bancas dos bairros, de norte a sul. Saía cedinho com uma Kombi cheia de jornais, um bloquinho, e ia deixando tudo em consignação. Passado um tempo, o mesmo trajeto, vendo quanto tinham vendido. Recolhia o dinheiro, levava pra redação e tudo era dividido igualmente entre todos. Os que tinham filhos ganhavam um pouco mais.

Aprendi comprometimento, ideologia, paixão, união, verdade, amizade, dedicação, gastronomia, história, geografia, honrar a palavra justa.

Agradeço por fazer parte da história da imprensa brasileira numa época turbulenta. Na nossa redação havia respeito e amizade e todos tínhamos valores. Acreditávamos no que fazíamos e, acima de tudo, nós nos amávamos.

Foi a universidade que jamais frequentei

José Trajano

O *ex-* me mudou a vida. Me pôs de ponta-cabeça. Não era nenhum bobalhão. Havia começado no *Jornal do Brasil* em 1964, com 16 anos. Vim para São Paulo em 1975 rodado: *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports*, *Última Hora*. Mas foi como se jamais tivesse entrado numa redação. Estavam ali Hamiltinho, o HAF, que eu havia cruzado em coberturas de futebol; Paulo Patarra; Narciso Kalili; Myltainho; Alex Solnik; Palmério Dória. Com vários havia trabalhado no *Panorama*, diário de Londrina, Norte do Paraná.

Mas no *ex-* era outra coisa. Vivíamos numa casa da Vila Romana, era *ex-* de dia, de noite, de madrugada. E, nos fins de semana, saíamos para vender o *ex-* e ficar com algum porque não pintava grana. Quer dizer, havia, mas de forma indireta. O Armindo, que cuidava da “tesouraria”, pagava o almoço no Pássaro Preto, e soltava algum caso acertasse nos cavalinhos do Jôquei. No *ex-*, fui soldado raso. Mas o pouco que convivi foi o bastante para me tornar um sujeito mais consciente, mais ético, mais cético, mais humano. Foi a universidade que jamais frequentei. Dali em diante, podia bater no peito e gritar “agora, sim, sou um jornalista de verdade”. Devo isso aos inesquecíveis mestres Narciso, Paulinho Patarra e HAF, e toda a cambada. Só fui aprender mais com outro mestre, Sérgio de Souza, um dos fundadores do *ex-*, mas só convivi depois que o jornal foi fechado pelos “homi”.

O *ex-* me trouxe para São Paulo, logo eu, carioca renitente. Na Paulicéia nasceram meus três filhos. E foi em São Paulo, no *ex-*, que ganhei forma. Se hoje sou capaz de tocar o barco na profissão é porque venho de longe. Do tempo em que o *ex-* era o maior orgulho de nossas vidas. Era, não, continua sendo.

Fotos da coragem de uma época

Elvira Alegre

A experiência de fazer o *ex-* era de uma grandiosidade que ia além da realização jornalística. Naquela pequena redação, pobre de recursos, mas rica em criatividade, vivíamos de forma intensa os comportamentos mais avançados da época. Era uma vida comunitária sem nenhuma separação entre o trabalho e o dia-a-dia, com abertura total para a criatividade e um respeito bem bonito da liberdade de cada um.

Este clima fora dos padrões rígidos daquele período de ditadura é que havia me seduzido quando o grupo do



Elvira Alegre

ex- chegou em 1974 a Londrina, no Paraná, para fazer o jornal *Panorama*.

Foi então que conheci Hamilton Almeida Filho, o HAF,

um dos principais editores deste jornal, e comecei a fotografar aos 18 anos para este projeto audacioso que infelizmente durou menos de seis meses.

Com o fim do *Panorama*, fomos todos para São Paulo fazer o *ex-*. Eu já estava casada com o HAF e muito apaixonada também pelo jornalismo.

Em São Paulo, vivíamos no mais absoluto sistema cooperativista, dividindo até a moradia, num sistema de vida que levava ao pé da letra o lema do “quem tem, põe, quem não tem, tira”.

O jornal era tocado no maior aperto financeiro. A venda de uma edição pagava a próxima, o que exigia esforços como a longa viagem que fizemos até Maringá, no Paraná, para lá imprimir o *ex-* 14 e baratear custos.

Antes do assassinato do Vlado já havia uma grande tensão no ar. A notícia de sua morte chegou de

NÃO MORRA DE SAUDADES DE NÓS

(Só faltam 98 anos para o nosso Centenário)

Há quase 2 anos fazemos o jornal mais importante da rua Santo Antônio, ou do país, e até agora não vimos a cor do seu dinheiro! Nosso nº 1, recordando, saiu em novembro de 73. Jornal mensal, 32 páginas, 7 mil exemplares, Cr\$ 5,00.

Conseguimos chegar ao nº 12, 19 meses depois, tiragem 20 mil e, finalmente, preço de capa a Cr\$ 6,00. O 13, em suas mãos, passa a 30 mil exemplares e distribuição Abril (120 cidades do Brasil; e Portugal). Nesse tempo, o volume de publicidade nunca passou de 3 páginas por edição. Assim mesmo, 50% eram permutas. Quer dizer, sobrevivemos vendendo em banca, fazendo reportagem dentro da cadeia, sentenciando o fim de Nixon numa capa, dando a morte de Allende por Garcia Marquez, furando o bloqueio cubano; e contando com a colaboração de nomes como Mariel Moryscotte, Wilhelm Reich, João Antônio, José Celso Martinez, Caetano Veloso, Cortázar, Miguel Urbano Rodrigues, Jane Fonda, Eduardo Galeano, As 3 Marias, Graciliano, Erich Fromm, Francisco Petit, Don Martin, Palhares & Zaragoza, Edson Arantes do Nascimento, Otoniel & Gabriel, Flávio Marcio & Maurício, Robert Crumb e Karl Marx, entre outros.

Reconhecidamente, uma imprensa para gente inteligente e essa gente é que nem nós todos: compra roupa, toma whisky, voa pra Europa, come enlatado, passa perfume, curte som, vai ao cinema, fuma, consome.

Então, cadê a nossa parte? A ovelha negra também vai ao pasto: nós também precisamos do uisquinho, do cigarrinho, da roupa, do fim de semana no campo, do dinheiro no bolso.

Somos tentados a repetir:

“Continuamos abertos e nosso ramo é este. Só que nunca fizemos negócio – sempre jornalismo. Mas quem sabe fazer negócio não são vocês publicitários? Se vocês são leitores do Ex, porque não ajudam a gente a vender?” (Ex – Manifesto, outubro de 74).

Caso contrário, como é que vamos continuar botando na rua o jornal mais importante destas paragens?

Não vá deixar a gente morrer à mingua, se não você vai morrer de saudades.

Amanhã, quando a gente acordar, começa tudo de novo

Vanira Codato

Cheguei quando o pessoal estava aqui em Londrina fazendo o diário *Panorama*. Fui, acompanhando o Luís Guerrero, então meu namorado, com a cara e a coragem fazer algo que nunca tinha feito. Sempre gostei das artes, fui entrando na editoria gráfica. Não tinha a mínima idéia de como se diagramava, montava e imprimia um jornal. Mas, quando a gente tem vinte e alguns anos, costuma ser muito atrevida, e havia a vontade de fazer algo que nos afastasse daquela vidinha medíocre que nos mostravam como caminho da felicidade. Quando vi, estava participando da edição gráfica do *ex*. Tempos sem computador. Cada

página era desenhada com lapiseira num diagrama; o texto, datilografado em máquina de escrever, vinha cheio de riscos e emendas a lápis ou caneta. Era

coisa de doido contar linhas e calcular a quantidade de caracteres, para saber que tamanho de letra seria necessário para ocupar o espaço que cabia à matéria. E as eternas “brigas” com a editoria de texto sobre o que o pessoal chamava *ditadura da arte*. E lá ia nossa resposta: “Se não couber, corto a matéria pelo pé!”

Depois, dias e noites na gráfica acompanhando a composição, a montagem das páginas, revisões. Sem contar cortes e inserções de última hora. Então saía da boca da rotativa aquele jornal, novinho em folha, cheirando a tinta fresca, que borrava as mãos e que a gente agarrava com alegria e, claro, já criticando o que tinha saído errado.

E, atordoados de sono, mas felizes da vida, dávamos aquela passadinha pelo boteco e íamos para casa desmaiar porque amanhã, quando a gente acordasse, começaria tudo de novo.



Em busca de anúncios, texto pedindo para publicitários apoiarem o ex-

madrugada à nossa casa, com o telefonema de um amigo.

Havia bastante medo, mas também estava claro que era preciso reagir. E a forma de reação foi o jornalismo corajoso que era uma marca da turma do *ex*. Na ida para o velório e para o enterro foi o HAF que falou para eu fotografar tudo.

Nunca é uma tarefa fácil fotografar enterro e naquela situação era até muito arriscado, mas fui fazendo meu trabalho apesar do clima de tensão que é visível nas fotos. Acabei tirando as fotografias mais importantes da minha carreira e que estão entre as imagens mais significativas da nossa história recente.

No final, aquela audácia até temerária permitiu fixar as imagens da coragem das pessoas frente ao terror da ditadura.

© Instituto Vladimir Herzog, 2010
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

EX / [Editores Dácio Nitrini, Mylton Severiano e Amancio Chiodi]
- [São Paulo] : [Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Vladimir Herzog], [2010].

Edição fac-similar completa de novembro de 1973 a dezembro de 1975.
Contém encarte de abertura.
Volumes acondicionados em caixa.
ISBN 978-85-7060-855-0 (Imprensa Oficial)

1. Jornalismo - Brasil - História 2. Jornalismo
panfletário 3. Jornalismo - Brasil - Humor, sátira etc

CDD 079.81

Índices para catálogo sistemático:
1. Jornalismo : Brasil : História 079.81
2. EX : Jornal panfletário : Brasil 079.815 5

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a autorização prévia dos editores

Direitos reservados e protegidos
(lei nº 9.610, de 19.02.1998)

Foi feito o depósito legal na Biblioteca
Nacional
(lei nº 10.994, de 14.12.2004)

Impresso no Brasil 2010

Governo do Estado de São Paulo

Governador
Alberto Goldman

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente
Hubert Alquéres

Diretor Industrial
Teiji Tomioka

Diretor Financeiro
Clodoaldo Pelissioni

Diretora de Gestão de Negócios
Lucia Maria Dal Medico

Gerência de Produtos
Editoriais e Institucionais
Vera Lúcia Wey

Coordenação Editorial
Cecília Scharlach

Assistência Editorial
Bia Lopes

Produção Gráfica
Laís Cerullo
Nanci Roberta da Silva Cheregatti

Tratamento de Imagens
Anderson Lima
Ailton Giopatto
Carlos Leandro Alves Branco
Leonídio Gomes

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Esta publicação, editada no ano de 2010, trata com graça e elegância assuntos sem graça alguma e muito desleigos, ocorridos entre 1973 e 1975, tempos de escuridão. Foram produzidos 1.500 exemplares. A caixa contém edição fac-similar da coleção completa do *ex*, nanico corajoso que enfrentou ditadores usando criatividade e picardia. Um encarte de abertura conta - e mostra - como eram os bastidores da redação. Foi editado por Dácio Nitrini, Mylton Severiano e Amancio Chiodi, ex-sobreviventes. A direção de arte é de Kiko Farkas, (Máquina Estúdio), leitor do *ex*- desde pequenino.

Trata-se do primeiro projeto abraçado pelo Instituto Vladimir Herzog, presidido por Ivo Herzog, para resgate da memória da imprensa de resistência à ditadura militar. E só foi realizado porque a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo concretizou esta publicação.

Instituto Vladimir Herzog
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1853 conj. 2
CEP 01452-001 São Paulo SP

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca 1921 Mooca
CEP 03103-902 São Paulo SP Brasil
sac 0800 0123 401
sac@imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
www.imprensaoficial.com.br